
Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex-goleiro Bruno Fernandes

No cheers for a feminicide: images and repercussions on Eliza Samúdio murder case and the trajectory of goalkeeper Bruno

Ana Letícia de Fiori e Mariane da Silva Pisani



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13692>

DOI: 10.4000/pontourbe.13692

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Ana Letícia de Fiori e Mariane da Silva Pisani, «Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex-goleiro Bruno Fernandes», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 02 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13692> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13692>

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 janeiro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex- goleiro Bruno Fernandes

No cheers for a feminicide: images and repercussions on Eliza Samúdio murder case and the trajectory of goalkeeper Bruno

Ana Letícia de Fiori e Mariane da Silva Pisani

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 20/10/2022 / Original Version 20/10/2022

Aceitação / Accepted 20/12/2022

Introdução

- 1 “Feminicida não merece torcida!” foi o mote criado pelo Instituto de Mulheres da Amazônia (IMA) por ocasião da controversa contratação do goleiro Bruno Fernandes, ex-capitão e ídolo do Clube de Regatas do Flamengo condenado no ano 2013 pelo assassinato, ocorrido em 2010, da ex-companheira Eliza Samúdio. O mote tomou força durante a temporada 2020 do campeonato estadual acreano de futebol e teve seus desdobramentos em outros estados pelos quais posteriormente Bruno *rodou*¹ (Rial, 2008). A proposta desse artigo² é seguir os desdobramentos e repercussões do caso Eliza e, paralelamente, analisar como esses desdobramentos influenciaram o *rodar* do goleiro Bruno, após sua condenação, por diferentes clubes do interior do Brasil.
- 2 Assim, este artigo apresenta o caso Eliza a partir da reconstrução realizada desde as notícias veiculadas na imprensa brasileira e, sobretudo, das passagens do livro

Indefensável: o goleiro Bruno e a história da morte de Eliza Samúdio, publicado pela Editora Record em 2014, de autoria dos jornalistas Leslie Leitão, Paula Sarapu e Paulo Carvalho. O livro é dividido em dez capítulos - O sequestro; O craque; A vítima; O cativo; A execução; A investigação; A cadeia; Os coadjuvantes; O mandante; O carrasco - que apresentam, em detalhes, os principais personagens envolvidos no assassinato, bem como o desenrolar do crime em si. Os autores Leitão, Sarapu e Carvalho explicam que seu envolvimento com o caso se deu não apenas através da cobertura jornalística, mas também pela proximidade - de amizade - que um deles tinha com Eliza: “Paulo [um dos autores do livro] era confidente da modelo. Trocavam e-mails, conversavam por telefone. Eliza lhe contava tudo, mesmo no período em que passou escondida na casa de amigas em São Paulo. Perderam o contato quando ela voltou ao Rio, dias antes de ser sequestrada num hotel da Barra da Tijuca” (Leitão et al, 2014, p. 206, grifos nossos).

- 3 O que nos interessa é apresentar e discutir as imagens que foram construídas sobre os personagens (Bruno e Eliza, sobretudo) e os eventos do caso. A partir deste primeiro movimento, poderemos analisar como a trajetória futebolística de Bruno foi impactada. Este percurso permite delinear a grande repercussão do crime e seus efeitos ao articular tropos narrativos, marcadores sociais da diferença, imagens de controle, jogos de fama e infâmia, idolatria e abjeção.

Os personagens

Eliza

- 4 Eliza Silva Samúdio, nascida em 1985, era natural da cidade de Foz do Iguaçu localizada no interior do Paraná. Com a separação dos pais, alternava entre morar com a mãe na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e Foz do Iguaçu, com o pai. Aos quatorze anos descobriu que o pai era acusado de violentar sexualmente sua meia-irmã. Nunca mais o viu pessoalmente depois disso. No ano de 2000, aos 15 anos mudou-se para a cidade de São Paulo com o intuito de se tornar modelo e atriz.
- 5 Tão logo chegou na cidade passou a frequentar os bastidores e as festas dos principais clubes futebolistas. Como consequência do seu trânsito nesses espaços, aos 18 anos foi convidada a participar do concurso de beleza Musa do Brasileirão. Este concurso, que realizou edições de 2006 a 2020, tinha como objetivo eleger a torcedora mais bonita do Campeonato Brasileiro de futebol masculino de cada ano. Ficava ao encargo de cada equipe participante da Série A do Brasileirão indicar sua musa para integrar a competição. Eliza concorreu pela equipe do São Paulo Futebol Clube e, após sua participação, que não culminou no título, foi convidada para estrelar filmes pornográficos. Ela aceitou a proposta, uma vez que precisava de dinheiro para se sustentar na capital paulista.
- 6 Rapidamente Eliza ficou conhecida no circuito futebolístico, sendo constantemente chamada para as festas e orgias com jogadores de futebol de clubes profissionais. Segundo Leitão *et al* “não tardaria, pois, para que, graças à internet, expandisse sua rede de contatos a atletas de equipes de outros estados, sobretudo do Rio, cidade para a qual começara a viajar com frequência crescente” (Leitão et al, 2014, p. 65). Foi em uma dessas festas que, no dia 21 de maio de 2009, Eliza conheceu e manteve relações sexuais com Bruno e, três meses mais tarde, em agosto de 2009, telefonou para o goleiro a fim de comunicar sua gravidez. Segundo Bruno, em depoimento que daria mais tarde, neste

dia Eliza manteve relações não apenas com ele, mas também com outros atletas do Flamengo. Este fato virou motivo de chacota entre os jogadores: “no vestiário a zoação dos companheiros de time deixava-o com ódio ‘todo mundo comeu, mas só você não usou camisinha’” (Leitão et all, 2014, p. 65).

- 7 Ainda em agosto de 2009, Eliza entrou na justiça contra Bruno, pedindo pensão alimentícia gravídica e reconhecimento de paternidade por parte do goleiro. O valor à época alcançaria algo em torno de R\$25 mil por mês (Leitão et all, 2014, p. 67). A defesa de Bruno alegou que o fato dela ter atuado em filmes pornôis era fator desqualificador para as solicitações:

Bruno, porém, insistia em não querer acordo. Em determinado momento, afirmou à advogada de Eliza, Anne Faraco, que só o faria após o exame de DNA. Queria assegurar-se que era mesmo o pai de Bruninho. Paralelamente, mobilizava-se por difamar e desqualificar a modelo, de forma que fizera chegar à Justiça dados sobre o passado de Eliza como atriz de filmes pornográficos. A ideia era pintá-la como interesseira; alguém que engravidara com o propósito deliberado de ascender financeiramente. Ela, por sua vez, reagia alegando que nada daquilo serviria de desculpa para que um pai não assumisse o filho — e acrescentava: ‘Errado foi ele, que não se cuidou. Eu mandei usar camisinha e ele não quis’ (Leitão et all, 2014, p. 76).

- 8 No dia 12 em outubro daquele mesmo ano, narra o livro, Bruno bateu, ameaçou, apontou uma arma para a cabeça e obrigou Eliza a ingerir remédios com intuito de provocar um aborto. No dia seguinte, Eliza fez um boletim de ocorrência e uma declaração pública à imprensa sobre as ações violentas que havia sofrido. Contudo,

a juíza Ana Paula de Freitas, que acolhera o processo no 3º Juizado da Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, em Jacarepaguá, não estabeleceria a medida protetiva para Eliza, como normalmente acontece às vítimas agredidas por companheiros. De acordo com a magistrada, não havia ali um relacionamento estável. A modelo era uma jovem que procurava tirar vantagem — entendimento que seria considerado preconceituoso, mais tarde, pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (Leitão et all, 2014, p. 75).

- 9 Por instrução da advogada Anne Faraco, Eliza deveria se proteger dos ataques de Bruno e permanecer escondida; dessa forma ela ficou hospedada na casa de amigas, na cidade de São Paulo, durante o resto da sua gravidez. Em fevereiro de 2010 nasceu Bruno Samúdio. No dia 06 de março de 2010, Eliza assistiu Bruno dar uma declaração à imprensa após a partida Flamengo *versus* Resende, a época o jogador saiu em defesa do seu colega de elenco, Adriano Imperador, que havia sido filmado agredindo a noiva em um baile funk: “Muitos que são casados sabem que, às vezes, em um relacionamento, é preciso uma discussão, ou até mesmo algo mais sério. Quem nunca brigou ou até saiu na mão com a mulher? Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, xará”.
- 10 No final do mês de maio daquele mesmo ano, a advogada de Eliza recebeu um telefonema dos advogados de Bruno afirmando que o goleiro aceitara fazer o teste de DNA e, caso o resultado fosse positivo, incluiria a criança no seu plano de saúde, arcaria com uma pensão de R\$3.500,00 e compraria um apartamento para Eliza e para o menino na cidade de Belo Horizonte. No dia 02 de junho, Eliza viajou com seu filho para a cidade do Rio de Janeiro com o intuito de realizar o teste de DNA. Dois dias depois, ambos desapareceram.

Bruno

- 11 Bruno Fernandes das Dores de Souza nasceu em 1984 na cidade de Ribeirão das Neves, zona metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Ainda bebê foi abandonado pela mãe, que possuía vício em álcool e cocaína, nunca chegou a conhecer seu pai; foi criado durante toda infância e adolescência por sua avó materna. Nos anos 1990, adolescente, conheceu Dayane Rodrigues – com quem se casaria em 2004 e com quem teria suas duas primeiras filhas – e Luiz Henrique Ferreira Romão, mais conhecido como Macarrão, seu melhor amigo – parceiro no crime cometido contra Eliza.
- 12 Desde muito jovem Bruno já demonstrava altas habilidades no futebol, em especial na posição de goleiro. Sem terminar os estudos escolares, começou a atuar no futebol profissional em 2002, quando foi integrado às categorias de base do Clube Atlético Mineiro. Em 2004, aos vinte anos, já atuava na equipe principal do Atlético Mineiro e no ano de 2006, após intensas negociações com o mercado futebolístico europeu, foi cedido ao Sport Club Corinthians Paulista. Duas semanas após sua chegada na equipe, solicitou desligamento. Foi cedido mais uma vez, ainda em 2006, ao Flamengo onde atuou por quatro anos e permaneceu até 2010, quando foi acusado do assassinato de Eliza Samúdio.
- 13 Sua trajetória profissional foi marcada por polêmicas com técnicos e treinadores, controvérsias sobre a compra de seu passe futebolístico, idas constantes às delegacias por queixas de agressões a torcedores e infrações de trânsito. Paralelamente ao comportamento explosivo e agressivo dentro de campo, Bruno começou a envolver-se em festas regadas a mulheres e bebidas:

Àquela altura, Bruno já melhorara de vida (...) a carreira prosperava. O relacionamento com a esposa, contudo, estava muito desgastado e não combinava com a vida – a nova vida – que ele queria levar. Bruna Vitória, sua primeira filha, afilhada de Macarrão, já havia nascido, naquele mesmo ano de 2006, mas Bruno passara a frequentar festas e a chegar de madrugada em casa. Arrumara uma mulher na rua, e depois outra e mais outra. Nunca mais pararia. O sucesso transformara o menino franzino, humilde e carinhoso em um homem bonito, endinheirado e arrogante. Mais tarde, já ídolo no Flamengo, deslumbrado com as possibilidades do Rio, aquele pendor farrista se refinaria – e ele tomaria gosto por eventos particulares: reuniões masculinas em clubes privês, festinhas com prostitutas e muita bebida na casa de amigos famosos, além de noitadas exclusivas em barcos alugados na Marina da Glória, que deixavam o ancoradouro rumo à discricção das águas da Guanabara, onde as lentes curiosas e flashes dos paparazzi não pudessem alcançar (Leitão et al, 2014, p. 49).
- 14 No ano de 2008, ainda que não tenha se separado judicialmente da esposa Dayanne – fato que só aconteceu três anos mais tarde, em 2011 –, conheceu e engatou um noivado com a dentista Ingrid Calheiros – com quem se casou oficialmente em 2016 e permanece até hoje. Durante todo o período de noivado com Ingrid, continuou envolvendo-se em festas, bebedeiras e orgias. Em maio de 2009, ainda oficialmente casado com Dayanne e também noivo de Ingrid, conheceu e se envolveu com Eliza Samúdio.

O caso

- 15 Bruno foi condenado no ano de 2013 pelo assassinato, ocorrido em 2010, de Eliza Samúdio. O caso teve grande repercussão midiática nacional e internacional em virtude

das circunstâncias do crime e da fama do acusado, ele era o jogador da equipe principal do Clube de Regatas do Flamengo e era considerado o melhor goleiro brasileiro em atividade na ocasião do crime. A relação de Bruno e Eliza, cuja densidade é disputada nas versões do caso, entrou nas malhas do judiciário e da imprensa quando no final de 2009. Eliza, grávida, solicitou medidas protetivas alegando que fora mantida em cárcere privado e forçada a ingerir substâncias abortivas a mando do goleiro. Em parte da cobertura midiática e da representação legal de Bruno, Eliza foi desqualificada sendo chamada de prostituta e interesseira.

- 16 No início do mês de junho de 2010, quando os advogados de Bruno e Eliza entraram em contato para confirmar o interesse e o compromisso do goleiro em realizar o teste de paternidade e reconhecimento do bebê, Eliza viajou com seu filho ao Rio de Janeiro e na chegada foi recebida com extrema violência por Macarrão e Jorge, primo de Bruno, que desferiram coronhadas em sua cabeça. Eliza e Bruninho foram mantidos em cativeiro, inicialmente em um apartamento no Rio de Janeiro e posteriormente no sítio em Belo Horizonte. Mãe e filho chegaram a ser vistos pela ex-mulher de Bruno:

Dayanne, ao entrar no quarto, quis logo saber por que aquela moça estava no sítio. Sem responder diretamente, Bruno disse: “Está tudo resolvido. Não está, Eliza?” Ela fez que sim com a cabeça, concordando, e a ex então saiu, logo subindo as escadas, na direção da suíte do casal, onde pegaria algumas roupas. Ainda estava muito nervosa. Achara que encontraria ali a noiva do goleiro, Ingrid, e derrubou os perfumes sobre a cômoda branca. Desconcentrada, não notou qualquer machucado na cabeça de Eliza. Percebeu apenas o dedo com curativo, consequência, segundo a moça, de tê-lo prendido na porta (Leitão et al, 2014, p. 92)

- 17 Em 25 de junho, o disk denúncia recebeu uma ligação comunicando o assassinato de Eliza e no dia seguinte, 26 de junho, o bebê de quatro meses foi resgatado com vida. Soube-se posteriormente que o menino ficou boa parte do tempo – entre o assassinato de sua mãe e a ligação anônima ao disk denuncia – sob os cuidados e guarda de Dayanne. Eliza, contudo, jamais foi encontrada viva ou morta.
- 18 Seguiram-se investigações policiais e reportagens descrevendo como Eliza foi sequestrada, torturada, estrangulada, assassinada e desmembrada após a morte. Da mesma forma, circularam versões de que o corpo de Eliza teria sido dado para os cachorros em um canil. Bruno, seu melhor amigo de infância Macarrão e outros envolvidos no caso foram condenados, em 2013, por homicídio triplamente qualificado (uma vez que o tipo penal feminicídio só foi instituído em 2015), cárcere privado e ocultação de cadáver. Dayanne foi investigada sobre sua participação no crime, chegou a ficar presa de maneira preventiva, mas não foi condenada pela justiça.

Masculinidades e feminilidades no futebol: mulheres abjetas e homens viris

- 19 O campo das práticas esportivas, em nosso caso de análise o futebol de maneira mais particular, está permeado por intensas e múltiplas relações de gênero (BUTLER, 2019) que orientam e organizam diferentes formas de performar feminilidades e masculinidades. Essas, por sua vez, norteiam as relações sociais e de poder que são estabelecidas entre homens e mulheres que transitam no universo futebolístico. A antropóloga Carmen Rial evidencia como a dor, a humilhação e o prazer constituem-se

como elementos centrais para a construção de masculinidades entre atletas de alto rendimento:

Como aquecimento muscular, X tinha de bater os pés e as mãos com força no tatame, rolando de um lado ao outro do seu corpo, por cem, duzentas vezes. (...) Os exercícios abdominais eram incontáveis. Com eles, desenvolvia um escudo protetor na frente do corpo que deveria ser tão rijo quanto o das costelas nas costas. Os chamados "apoios" eram dezenas e, se inicialmente eram as mãos que eram exigidas, logo passaram a ser as pontas dos dedos - com a força dos dedos ele era obrigado a erguer o peso do corpo todo, sem descansá-lo no chão, até cem vezes (Rial, 2011, p. 202).

- 20 Nos processos de treinamento de seus corpos, os atletas de alto rendimento do futebol, assim como os judocas da etnografia de Rial, passam por dietas alimentares restritivas, horas regradas de sono e descanso, 3 (três) a 4 (quatro) horas de musculação e mais algumas horas de exercícios de condicionamento físico. As sessões intensas de treino físico e dor às quais são submetidos precisam ser suportadas, pois ao menor sinal de descontrole (físico ou emocional) sucedem cenas de humilhação e desonra:

Qualquer hesitação ou erro, era castigado com uma série de exercícios complementares, alguns bem ridículos, como correr pulando em uma perna só em volta do tatame, enquanto a plateia formada pelos seus companheiros de academia admirava a performance as gargalhadas e lançava piadas que atingiam a sua identidade sexual: "mas é uma galinha...", "olha só a mulherzinha dançando para nós..." (Rial, 2011, p. 203).

- 21 Está inscrito no corpo: para se constituir como homem atleta é preciso se diferenciar das crianças e sobretudo das mulheres. Ou seja, é crucial elaborar e performar uma masculinidade que envolve resistência à dor, força física, controle e virilidade. O prazer, segundo a antropóloga, é vivenciado a partir do momento em que se vence a luta, a partida e/ou o jogo, e da mesma forma pode ser compreendido como "momento de alívio, de fim provisório da maratona de dor e de adiamento da desonra" (Rial, 2011, p. 206).
- 22 Nos jogos de futebol existem algumas formas de desestabilizar o jogador adversário, diminuindo assim sua masculinidade. Elencamos duas: a primeira tem por objetivo questionar a heterossexualidade do atleta em questão; para isso, quando em campo durante a partida e em disputas de lance corpo-a-corpo, o jogador desfere uma "dedada no ânus" do adversário. Alguns jogadores profissionais que se utilizaram deste artifício enfrentaram sanções imediatas e de longo prazo como expulsão de campo e até suspensão de jogos subsequentes. Já a segunda forma que objetiva diminuir a masculinidade e trazer desonra ao jogador é atacar a moral sexual de sua mãe, irmã e/ou companheira e assim, conseqüentemente, diminuí-lo como homem através de achques como "filho da puta", "corno", "tua irmã é uma puta". O caso mais clássico deste exemplo data de 2006, quando, na partida final da Copa do Mundo, o jogador italiano Marco Materazzi ofendeu a irmã do zagueiro francês Zinedine Zidane, ao dizer para ele que estaria com ela logo após a partida, ao que Zidane imediatamente reagiu dando uma cabeçada no peito de Meterazzi. O fato culminou na imediata expulsão do jogador da partida.
- 23 A partir dos processos de construção e questionamento das masculinidades entre jogadores de futebol, temos em oposição a construção de feminilidades possíveis neste universo, ou seja, há no futebol dos homens uma distinção estruturante entre as

mulheres respeitáveis (mães, esposas, namoradas, irmãs e filhas) e as que são consideradas abjetas.

- 24 Nossa compreensão de abjeção neste artigo recorre às discussões desenvolvidas pela filósofa Judith Butler, a partir do diálogo com as noções de pureza e poluição da antropóloga britânica Mary Douglas. O enquadramento analítico de Douglas propõe que os sistemas sociais estabelecem códigos específicos de coerência cultural que, perturbados ou transgredidos, constroem noções de sujeira, poluição, poder e perigo, abjeção. Os próprios contornos dos corpos operam estas marcações e fronteiras, e “se o corpo é uma sinédoque para o sistema social per se ou um lugar em que convergem sistemas abertos, então todo tipo de permeabilidade não regulada constitui um lugar de poluição e perigo” (Butler, 2000, p. 189). Butler ressalva que Douglas ainda se encontra vinculada a um paradigma estruturalista que toma como dada a divisão entre natureza e cultura, um dos alvos privilegiados da crítica de Butler ao lado da metafísica do sujeito implícita a noções de gênero em diferentes abordagens. Entretanto, Butler deriva do argumento de Douglas a noção de que o corpo não é um ser, mas “uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia de gênero e heterossexualidade compulsória” (ibid., p. 198), nas quais o gênero se faz como performance repetida. Argumenta a autora:

Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a idéia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade. Assim, o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese (ibid., p. 199)

- 25 As inscrições feitas na produção dos corpos atléticos de homens futebolistas explicitam tanto o caráter de reiteração dos atos que compõem gênero quanto seu aspecto punitivo. Ambos exigem o estabelecimento de códigos contrastivos em que a feminilidade é instaurada como hierarquicamente inferior, se manifesta em corpos e sujeitos construídos como femininos, e abjeta, se manifesta em corpos e sujeitos construídos como masculinos. Deslindando os mecanismos de como a abjeção funciona para a estruturação da matriz heteronormativa, Butler nos diz que

"O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas 'inóspitas' e 'inabitáveis' da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida" (Butler, 2000, p. 156).

- 26 Assim, para Butler os seres abjetos tem sua própria materialidade e existência questionadas a partir de um conjunto de ações que promovem exclusões, apagamentos radicais e norteiam as concepções dos corpos que são considerados "humanos" e "não humanos". Voltando ao contexto do universo futebolístico, certas performances reiteradas constroem certas mulheres como respeitáveis, que ocupam lugar central e quase que sacralizado na vida dos jogadores, uma vez que oferecem estabilidade e apoio emocional, devendo, portanto, ser valorizadas e protegidas³; já as mulheres abjetas são

compreendidas como perigo iminente, uma vez que ameaçam a carreira, o prestígio e a fama dos atletas, devendo portanto ser evitadas e, no limite, eliminadas.

- 27 Na construção do caso aqui analisado, é evidente que as mulheres próximas a Bruno foram alocadas em lados dicotômicos. A ex-mulher Dayanne, a noiva e atual esposa Ingrid e a avó que lhe criou desde a infância até a vida adulta são as mulheres respeitáveis que aparecem como suportes e sustentáculos da vida pessoal e da carreira profissional do ex-jogador. Mesmo após o assassinato de Eliza, elas continuaram o apoiando, por vezes protegendo e justificando suas ações:

‘Bruno me chamou para uma conversa à parte. Queria falar sobre o lance da Eliza e eu queria saber por que ele tinha deixado o bebê comigo por tanto tempo’ — lembra-se Dayanne. O jogador então tentaria se explicar: ‘Eliza disse que ia embora do sítio para buscar umas roupas dela, mas sumiu. Acho que ela quer armar para mim. Se o bebê fosse encontrado comigo, em casa, ela poderia forjar um sequestro’. (...) ‘Até então, o bicho-papão para mim era a Eliza! Eu pensei que ela realmente estava aprontando para o lado do Bruno’ — admitiria Dayanne, a quem o ex ainda contaria sobre um desacerto no acordo pelo apartamento, pois a modelo, no último momento, teria pedido um valor acima do que ele poderia oferecer (Leitão et al, 2014, p. 108).

- 28 De outro lado estão as mulheres abjetas: a mãe de Bruno, que o abandonou ainda bebê por conta do vício em drogas e álcool, fato esse que lhe causou desestabilidade emocional durante toda infância e adolescência; e, evidentemente, Eliza Samúdio, a mulher interesseira que queria aproveitar-se da honra, do dinheiro e da fama do ex-goleiro. Ao apresentar o preâmbulo biográfico de Eliza até o momento de seu assassinato, pudemos perceber como as manchetes de jornal, o livro *Indefensável* e até mesmo algumas decisões judiciais produziram sobre Eliza a ideia de mulher abjeta. De maneira recorrente são evocadas e pontuadas as informações sobre a atuação de Eliza em produções audiovisuais pornográficas (ainda disponíveis na internet) e seu trabalho como profissional do sexo. A “abjeção” de Eliza é rememorada e reificada pelos demais jogadores do Flamengo nos vestiários, quando dizem que “todos comeram, mas apenas Bruno não usou caminha”; pela juíza, quando não concede medida protetiva à Eliza por compreender que não havia um relacionamento estável entre ela e o goleiro, dizendo ainda que a jovem que procurava tirar vantagem financeira do mesmo; pelo amigo de infância, Macarrão e pela ex-mulher, Dayanne, que afirmavam que Eliza estava armando para cima de Bruno.
- 29 Essas passagens da trajetória e da vida de Eliza foram amplamente veiculadas como indicativos de um pêndulo moral que assinalou, de maneira vexatória, o fato que Eliza era uma jovem “oportunista”, que visava “armar” para cima de um jogador famoso engravidando do mesmo com o propósito deliberado de ascender financeiramente. As narrativas que foram construídas sobre o envolvimento de Eliza e Bruno misturaram doses calculadas de afetividade, sexualidade e dinheiro, com o intuito de caracterizá-lo enquanto “vítima” de uma mulher “interesseira”. Dessa forma, as violências de gênero sofridas por Eliza estariam mais do que justificadas, afinal ela fora compreendida como “maria-chuteira”.
- 30 Outro elemento evocado na construção narrativa sobre Eliza Samúdio é a figura de Luís Carlos, o pai violento que foi acusado de abuso sexual contra uma meia-irmã dela. Assim que a notícia de seu assassinato tomou proporções nacionais e internacionais, foram resgatadas nas matérias jornalísticas as histórias de abusos infligidas por seu pai quando ela era adolescente, bem como a fuga em decorrência dos abusos, aos 15 anos,

para cidade de São Paulo. Construiu-se uma narrativa psicologizante de Eliza, ao apontar suas fragilidades emocionais e questões a serem resolvidas com figuras masculinas violentas. A partir deste perfil, se inferiu que ela estaria em busca de “um príncipe encantado” ou mesmo de um “sustento” entre jogadores de futebol.

- 31 As noções embutidas nas ideias de mulher abjeta, maria-chuteira, histórico de violência paterna e fragilidades emocionais compuseram argumentos fundamentais nas narrativas que se criaram sobre como Eliza e Bruno – já estrela do Flamengo nesse período – teriam se conhecido e como teria sido sua relação. Acessou-se e justificou-se o imaginário sobre as vidas de jogadores de futebol, repletas de festas regadas a bebidas e mulheres, o que conseqüentemente, solidificou as expressões de masculinidades viris e ostentatórias dos mesmos e também promoveu a suspensão unilateral de moralidades.
- 32 Um ano após a sentença de Bruno, em abril de 2014, a Revista Placar expôs em sua capa uma foto do ex-goleiro e um trecho da entrevista com o mesmo. A manchete trazia os seguintes dizeres: “Me deixem jogar’: goleiro fala da vida no cárcere, da morte de Eliza Samúdio e do sonho de cumprir o contrato com assinou com um time mineiro”. Mais uma vez, a disputa narrativa - sobre imagens de controle, jogos de fama e infâmia, idolatria e abjeção – era posta em prática. A capa da revista evocava a ideia de como Eliza havia sido responsável pela derrocada de Bruno, que encarcerado não poderia dar continuidade a sua carreira, compromissos contratuais e, conseqüentemente, manutenção ao seu prestígio futebolístico.



FIGURA 01 - À esquerda, reprodução da capa original da Revista Placar (maio de 2014). À direita, montagem feita por internautas a partir da capa original (maio de 2014).

- 33 Em poucos instantes da publicação da capa da Placar, a publicitária Rosiane Pacheco e a psicóloga Cyntia Beltrão criaram e circularam nas redes sociais uma réplica da mesma que trazia, então, uma foto de Eliza Samúdio com a manchete “Eu queria ter visto meu filho crescer’: Eliza não pode mais falar. Depois de ser torturada por dias seguidos, ela foi silenciada para sempre em mais um crime de ódio. E seu corpo, supostamente, dado aos cães” (Oliveira, 2014).

Rodar pelo interior, cumprir pena no semi-aberto

- 34 Bruno foi condenado originalmente a 17 anos e 6 meses em regime fechado por homicídio triplamente qualificado (por motivo torpe, asfixia e uso de recurso que dificultou a defesa da vítima), a outros 3 anos e 3 meses em regime aberto por sequestro e cárcere privado e ainda a mais 1 ano e 6 meses por ocultação de cadáver. Bruno cumpriu pena por seis anos e sete meses, até março de 2017, quando recebeu uma liminar para aguardar um recurso no Supremo Tribunal Federal (STF) em liberdade. Com diferentes recursos tramitando no Tribunal de Justiça de MG e no Supremo Tribunal Federal, em 2017 o crime de ocultação de cadáver prescreveu, reduzindo sua pena. Em 2017, foi também autorizado pela justiça que Bruno pudesse realizar remição de pena dando aulas de futebol para crianças e adolescentes em Varginha, no Núcleo de Capacitação para a Paz.
- 35 O goleiro permaneceu na cidade de Varginha, interior de Minas Gerais, atuando pelo Boa Esporte Clube, que então jogava na Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol. Sua rápida passagem pelo Boa Esporte teve efeito nas arquibancadas; se antes a equipe possuía uma média de público de 500 pessoas, com a presença de Bruno cerca de 1,5 mil espectadores compareceram às cinco partidas em que atuou. Durante a permanência do goleiro na equipe houve alguns estremecimentos com patrocinadores, bem como protestos de mulheres, ou “grupos feministas”, como noticiado pela imprensa (Melo, 2017). Ainda assim, o Boa Esporte recebeu a pecha de “clube mais odiado do Brasil”, em contraposição à Associação Chapecoense de Futebol, que se tornou “clube mais amado no Brasil”, após a tragédia de avião no ano de 2016.
- 36 A liminar concedida pelo STF foi revogada em abril de 2017 e Bruno retornou ao Complexo Penitenciário Nelson Hungria em Varginha-MG (Moura; Pires, 2017). Em junho de 2018, passou a cumprir pena e trabalhar na Associação de Proteção e Amparo ao Condenado (Apac). Contudo, pouco tempo depois Bruno foi flagrado em um bar acompanhado de duas mulheres, falta que o fez perder o benefício, parte da remissão de pena obtida por trabalho e estudo, e mais uma vez voltar para a prisão de Varginha em fevereiro de 2019 (EPTV, 2018; Baeta, 2019). Em julho de 2019, progrediu para regime semiaberto domiciliar e assinou contrato com a equipe Poços de Caldas Futebol Clube. Em outubro de 2019 Bruno conseguiu uma autorização judicial para jogar um tempo em campeonatos amadores e partidas amistosas. Em janeiro de 2020, Bruno rescindiu contrato com o Poços de Caldas e foi contratado pelo Operário Várzea-Grandense, do estado do Mato Grosso. Alguns dias depois, devido à repercussão negativa na mídia e protestos contrários da própria torcida, incluindo uma manifestação na qual o Conselho dos Direitos da Mulher do Mato Grosso e cerca de 100 pessoas protestaram em frente ao estádio Dito Souza na estreia do campeonato mato-grossense, o clube voltou atrás na contratação (Vasconcelos, 2020).
- 37 Em julho de 2020, Neto Alencar, então presidente do Rio Branco Futebol Clube, do estado do Acre, anunciou a contratação do goleiro Bruno. Segundo reportagem do UOL, sugestivamente intitulada “Pode jogar, mas deve?” (Vespa, 2020):
- O goleiro, entretanto, alertou o presidente do clube, Neto Alencar, de que os protestos seguiriam. “Eu disse a ele: ‘se a Justiça que condenou foi a mesma que liberou você, a sociedade não pode impedi-lo de trabalhar’”, diz Alencar. “Ele me perguntou: ‘vai comprar a briga?’. Respondi que dava para brigar. O Bruno ficou assustado quando eu disse que daria e não teria medo de enfrentar nada. A minha visão parte da legalidade e estávamos atrás de um goleiro”, disse.

38 O anúncio foi recebido no esteio das notícias da retomada dos jogos do campeonato acreano, após o recesso causado pela pandemia de Covid-19. As negociações pela retomada dos jogos haviam sido tensas, alguns times prejudicados pela falta de receitas, patrocínio e dissolução de parte do elenco, que retornara aos estados de origem. Por decreto estadual, os jogos seriam realizados sem público. A rede de supermercados que patrocinava o time de base do Rio Branco suspendeu o contrato. Ao saber da notícia, a técnica da equipe de futebol feminino do Rio Branco, Rose Costa, pediu demissão.

Sou profissional de educação física e entendo que o esporte de rendimento é uma vitrine, ele é exemplo para as gerações futuras e grande parte da sociedade acha que isso é normal, que essa oportunidade é a coisa mais relevante nesse momento. Ele tem direito à ressocialização. Eu não tenho dúvidas disso e eu não questiono isso. Mas aí eu te pergunto: será que uma oportunidade como um goleiro principal de uma das equipes que tem mais visibilidade dentro da nossa sociedade rio-branquense é o melhor lugar para dar essa oportunidade? (in GLOBO ESPORTE, 2020).

39 Com as notícias da contratação de Bruno pelo Rio Branco, e em meio ao distanciamento social causado pela Pandemia Covid-19, fervilharam os debates em grupos de Whatsapp da cidade de Rio Branco. Um grupo em particular decidiu se mobilizar, o grupo do Instituto de Mulheres da Amazônia (IMA), capitaneado pela ativista Concita Maia. Mulheres do IMA e de outros pertencimentos realizaram um protesto em 31 de julho de 2020 em frente à sede do clube, com cartazes e equipamentos de proteção individual contra a Covid, e sofreu hostilizações de transeuntes e da imprensa. O protesto não bastou. Conforme a presença do goleiro se acomodava com o clube e ele passava a ter atuações regulares nos jogos, o IMA começou a articular uma campanha que tomava o caso Eliza e a presença do goleiro Bruno no Acre como base para seguir o enfrentamento de uma questão mais ampla: os resultados da pesquisa do Monitor da Violência G1, Núcleo de Estudos de Violência da USP e Fórum Brasileiro de Segurança Pública que indicavam ser o Acre o estado com a maior taxa de feminicídio do Brasil, com números agravados pela pandemia e o confinamento sanitário de mulheres em situação de violência doméstica. O foco dos questionamentos do IMA passou a ser o papel de Bruno não como ressocializando, profissional do esporte, jogador e goleiro, mas como ídolo em um estado com índices alarmantes de violência contra mulheres e que, por seu status, estaria legitimando estas violências (ver Santos, 2020).

40 A partir da divulgação de uma carta aberta do IMA, criou-se o slogan “feminicida não merece torcida”, seguido por outros da mesma raiz, como “estuprador não merece torcida”, “agressor não merece torcida”, produzindo imagens *stickers* para circulação nas redes sociais, sobretudo Whatsapp e Instagram. Mulheres do IMA se organizaram para a produção de “conteúdos”, como pequenos vídeos explicando a noção de feminicídio e misoginia para serem compartilhados, da mesma forma se organizaram *lives* para falar sobre futebol e violência de gênero⁴. Em meio a estas articulações, o IMA contactou a Associação Nacional de Torcidas Organizadas (ANATORG), o movimento Mulheres de Arquibancada e lideranças de torcidas organizadas femininas por todo o Brasil. As primeiras *lives* foram transmitidas pelo perfil do Instagram da ANATORG, com apoio técnico de seus membros, o que supostamente garantiria mais público. Criaram-se novos grupos, como o “articulação de mulheres”, em que se discutiram diferentes temas sobre o universo do futebol e as mulheres, sobretudo relacionados à violência dentro e fora dos estádios.

- 41 Em outubro de 2020, por ocasião da viagem do Rio Branco ao estado do Pará, para disputar um jogo da série D do Campeonato Brasileiro contra a equipe do Bragança, a torcida feminina bragantina uniu-se a outras torcedoras mulheres paraenses para receber o clube e o goleiro Bruno com novos cartazes e protestos contra sua presença nos gramados. Uma das torcedoras utilizou uma máscara estilo *face shield* com a foto de Eliza Samúdio. A imprensa local, ao noticiar a intoxicação alimentar de jogadores do Rio Branco, levanta a suspeita de que as torcedoras teriam envenenado os jogadores.
- 42 No dia 31 de março de 2021, a equipe Araguacema Futebol Clube, do estado do Tocantins, anunciou em suas redes sociais a contratação do goleiro Bruno. A postagem no Instagram contou com mais de 1500 curtidas e 5300 comentários. Similar ao movimento realizado no Acre, as mulheres tocantinenses rechaçaram veementemente a contratação do jogador. No dia 01 de abril o grupo Levante Feminista contra o Femicídio publicou nas redes sociais uma nota política pela vida, memória e dignidade das mulheres na qual afirmava que:
- Receber e saudar a chegada de um feminicida contribui para reforçar a violência estrutural e simbólica contra as mulheres, na medida em que minimiza a gravidade social de um dos assassinatos mais bárbaros dos anos 2000 (...). Nosso levante não é contra a reinserção do goleiro Bruno no mercado de trabalho, mas contra a celebração que invisibiliza a matança de mulheres, colocando-o na condição de ídolo a ser admirado por meninos, jovens e adultos (...). Este manifesto tem como foco a forma como se deu a contratação e a divulgação, mas não se coaduna com o punitivismo e o encarceramento em massa. A superlotação e o estado de desumanização do sistema prisional nos mobilizam em outras frentes, sobretudo por atingir, principalmente, corpos negros e empobrecidos” (2021).
- 43 A última passagem de Bruno por um clube foi entre maio de julho de 2021, no Atlético Carioca, antes de anunciar sua aposentadoria dos campos. Bruno passou a atuar no mercado financeiro (PORTAL T5, 2021). No início de julho de 2021, em entrevista ao canal flamenguista Nação Urubu 81, Bruno declara:
- O futebol mudou muito. Hoje eles olham para essa questão de imagem, o jogador bad boy não é enxergado como era antigamente, o futebol mudou muita coisa nesse sentido. Então a mídia meio que colocou sobre o Bruno uma prisão perpétua, como se ele não pudesse recomeçar. Sendo que a nossa legislação fala que a gente tem que ser ressocializado, com trabalho, para ser o provedor da casa. No meu caso não. Infelizmente enterraram meu sonho, meus objetivos, minha profissão.
- 44 De acordo com Jahnecka, Almeida e Pisani (2013), para que a profissionalização de um jogador de futebol se concretize e para que sua carreira se mantenha faz-se necessário que múltiplas redes – sociais, políticas, econômicas e afetivas – sejam mantidas. Nestas redes estão presentes parentes, familiares, amigas/os, conhecidas/os, outros futebolistas, empresários, funcionários dos clubes de futebol, diretores, treinadores e os clubes de futebol propriamente ditos. Estes últimos, são instituições que legitimam a presença do jogador no universo do futebol e que fazem circular dinheiro, pessoas, ideias, produtos e desejos.
- 45 No circuito futebolístico, o ato de *rodar* (RIAL, 2008) entre clubes é desejado, uma vez que representa que o jogador está construindo uma carreira de sucesso. Contudo, o ato de *rodar* não é feito de maneira aleatória ou mesmo desinteressada, ele deve ser realizado dos pequenos times para clubes de maior prestígio. Bruno, diferente de outros jogadores brasileiros, iniciou sua carreira esportiva nas categorias de base de um clube prestigioso, o Atlético Mineiro; e passou, em pouco tempo, por outros dois clubes centrais no universo do futebol: Corinthians e Flamengo. Depois da sua condenação

pelo assassinato de Eliza, tentou realizar o movimento do *rodar* em times dos interiores – Boa Esporte (MG), Poços de Caldas Futebol Clube (MG), Operário Várzea-Grandense (MT), Rio Branco (AC), Araguacema (TO) e Atlético Carioca (RJ) – a fim de resgatar e reconstruir sua carreira de jogador de futebol, porém não obteve sucesso.

Os campos e o degredo

- 46 A atuação de Bruno no Rio Branco FC catalisou discussões sobre idolatria, justiça e ressocialização a partir de vetores locais, com a chegada de um jogador infame a um estado estigmatizado como local de degredo, e que elaborou reinvenções de sua identidade positivada. Segundo a historiadora Maria de Jesus Morais (2016), empreendeu-se a partir do início dos anos 2000, sob a gestão dos governos petistas dos irmãos Viana, um grande esforço de construção de uma acreanidade positivada, a partir da reinvenção de três grandes momentos históricos: a revolução Acreana, que na virada do século XIX para o início do século XX rompeu com a suposta jurisdição boliviana para tornar o Acre uma república independente e, posteriormente, um território brasileiro; o movimento autonomista, buscando dar ao Acre o estatuto de estado com autonomia administrativa, o que só ocorre na década de 1960; por fim, o movimento da Florestania, unindo seringueiros, indígenas e ambientalistas contra os ruralistas “paulistas”, tendo como figura chave Chico Mendes.
- 47 Esta acreanidade, que afirma que “os acreanos foram os únicos que lutaram para ser brasileiros”, alimenta-se e contrapõe-se ao discurso de que o Acre é perpetuamente abandonado e ignorado pelo governo brasileiro, mas também e sobretudo se contrapõe à imagem de que o Acre é terra de degredo, de bandidos e rejeitados. Assim, lê-se na carta aberta do Instituto das Mulheres da Amazônia sobre a contratação de Bruno:
- Se torna afrontoso e vergonhoso que um time acreano se mostre distanciado das causas e das lutas das minorias e se submeta à execração pública, à repulsa de seus próprios torcedores e à condenação da sociedade em que está inserido. Isso nos faz retornar aos tempos no qual [sic] o Acre era o local para onde eram enviados sujeitos rejeitados no Sul-Sudeste, os desterrados de 1904 e 1910. O Acre, assim, continua sendo apresentado como um lugar para aqueles que não são bem vindos lá.
- 48 Os ícones da acreanidade positivada descritos por Morais tem sido rejeitados nos últimos anos, conforme a população local passa a rejeitar em peso os políticos do Partido dos Trabalhadores (PT), expressão semântica que não abarca apenas o partido em si, mas um certo campo político, sobretudo diante da ascensão local e nacional de governos de direita⁵. Além disso, imagens do Acre que envolvem estéticas militarizadas e violentas ganham peso com a guerra de facções, as questões de imigração nas fronteiras e histórias de atuação violenta de fazendeiros e políticos locais. As imagens da brutalidade do crime pelo qual Bruno foi condenado vem ao encontro de imagens de crimes brutais que fazem parte do cotidiano do noticiário local, mesclando narrativas de modo imprevisível. Estas, por sua vez, criam um clima de rechaço a qualquer discurso sobre direitos humanos, por um lado, mas tornam a presença de Bruno menos estranha. O clube e o estado ganham uma visibilidade desejável e a presença de uma ex-estrela do Flamengo fala ao coração de parte dos torcedores flamenguistas acreanos⁶. As feministas, por sua vez, associadas histórica e simbolicamente ao PT, são alvo de escárnio e rejeição, tratadas como históricas e desocupadas, vingativas e irracionais.

O cárcere e os campos

- 49 É recorrente e fartamente documentado que em casos de violência de gênero, que chegam a júri, costuma-se elaborar perfis morais das mulheres (sobretudo, mas não exclusivamente, enquanto vítimas). Esses perfis são construídos a partir de noções ideais sobre honra, comportamento sexual e maternidade, e posteriormente são impingidos a estas mulheres conforme se busca construir sua inocência, credibilidade, culpa, abjeção, tornando as violências, se não justificáveis, ao menos presumíveis, e portanto fruto de negligências e irresponsabilidades. No caso analisado não foi diferente. Eliza, no imaginário do universo do futebol profissional masculino, foi enquadrada enquanto mulher interesseira que via nos jogadores uma oportunidade econômica, entre a “prostituta” e a “maria-chuteira”. Esta construção generificada opera relacionalmente com certa masculinidade exercida por e impingida a certos jogadores de futebol, ídolos de torcida, cujo desempenho, sagacidade, criatividade nos jogos derivam não tanto de sua diligência nos treinos e técnica adquirida, mas de um talento associado à malandragem e à irreverência.
- 50 Em um artigo sobre a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro, Ronaldo Helal (2003) opõe as trajetórias de Zico (o disciplinado) e Romário (o marrento), ambos com passagem pelo Flamengo, demonstrando como a picardia e malandragem são associadas ao “futebol arte” característico e redentor do futebol brasileiro. Tal malandragem que pode exacerbar-se em uma virilidade desmedida em festas, mulheres, práticas financeiras ostentatórias a refletir o valor do passe, contratos e patrocínios de um jogador, bem como no desrespeito a regramentos internos ao clube e também da sociedade a qual pertence. Masculinidade e malandragem entre o “playboy” e o “bad boy”, mencionado pelo próprio Bruno na entrevista anteriormente citada. Com esta relação, emergem enquadramentos interpretativos e tropos narrativos nos quais a própria maternidade de Eliza não é sinal de virtude moral; ao contrário, trata-se de uma maternidade cheias de suspeita, porque está fora de uma união legítima, porque Eliza é acusada de manter relações sexuais com vários jogadores, e sobretudo porque se supõe uma gravidez instrumentalizada e ardilosamente planejada para obtenção de lucros financeiros. Da mesma forma, tornaram-se ilegítimas as buscas de Eliza por proteção judicial diante de ameaças de Bruno, bem como a busca por reconhecimento de paternidade e direito à pensão de seu filho.
- 51 A partir dessas construções, Bruno e seus cúmplices seriam quase anti-heróis, realizando de maneira extrema o que outros desejariam fazer, ao perceberem-se enredados nas tramas de “mulheres golpistas”. A mulher que exige pensão, que denuncia violências, que cria barraco, afasta-se assim da imagem positiva da “mãe guerreira”, que se sacrifica pelos filhos mesmo na ausência da figura paterna. A idolatria aqui construída, que relaciona o alto desempenho no futebol e o sucesso dos clubes em que se atua ao caráter bad boy, é percebida então como perigosa, indutora de comportamentos e valores que agravam os riscos de violência de gênero e outros comportamentos considerados “antissociais”, sobretudo diante de uma juventude sempre vista como “influenciável”. A fala da ex-treinadora do Rio Branco FC, a carta do Levante Feminista contra o feminicídio, acima citadas, e o trecho da Carta Aberta do IMA abaixo trazem esta avaliação.

Sobre o futebol, lembramos que esse esporte forma ídolos de crianças, jovens e adultos, o que torna inconcebível que crianças admiradoras de seus atletas possam,

em algum momento, tem como ídolo o Goleiro Bruno como pretende o histórico time que, com essa contratação, venha projetar esse homem como líder para sua torcida.

Não estamos aqui defendendo que Bruno não tenha direito à ressocialização, a um trabalho que garanta o sustento na sua retomada pelo caminho do bem, dentro dos preceitos legais que a sociedade exige. Não! Não é isso. Bruno pode e deve trabalhar, mas não em posição de destaque dentro do futebol. Não numa posição que possa destaca-lo como ídolo, como herói de uma torcida. Heróis se pautam pela justiça, pela ética, pelo respeito aos direitos humanos.

- 52 Tais formulações põem em evidência a defesa e os limites da ideia de ressocialização, ao permanecer incrustada na naturalização da estrutura normativa estabelecida pelo sistema penal, no escopo do que o sociólogo Álvaro Pires denomina como *racionalidade penal moderna*, um sistema de pensamento ligado a práticas institucionais jurídicas, redes de sentidos com unidade própria no plano do saber e liga estritamente fatos a valores, conferindo-lhe um aspecto normativo (PIRES, 2004, p. 40). Pires descreve a estrutura normativa como telescópica, ao justapor uma norma de sanção (permitindo ou obrigando a aplicação de uma pena) a uma norma de comportamento (que o proíbe ou obriga). Nessa estrutura, “é a pena *aflitiva* - muito particularmente a prisão - que assumirá o lugar dominante no auto-retrato identitário do sistema penal” (ibid., p. 41). Esta pena aflitiva comunica o valor da norma de comportamento e o grau de reprovação em caso de desrespeito e, assim, este sistema exige que a pena seja imposta e o seu quantum deve ser compatível ao grau de afeição ao bem, criando a impressão de que a norma de comportamento e a pena aflitiva formam um todo inseparável.
- 53 A decorrente impossibilidade de pensar o sistema penal ou o crime sem uma pena aflitiva, suscita uma determinada ontologização da estrutura normativa do sistema penal moderno. A pena aflitiva, sobretudo a prisão, aparecerá assim como uma resposta evidente. Outro efeito é a estabilização da suposição da sanção que afirma a norma, no sistema penal, deva ser estritamente negativa: se o crime como ação é um mal, a pena deve ser concebida também como um mal, capaz de “apagar” o primeiro mal ou ter efeito de dissuasão (a prevenção geral ou individual negativa). O transgressor, nesse sistema, passa a ser visto como um inimigo do grupo ou da sociedade, sobre o qual deve-se infligir sofrimento no mesmo grau do valor do bem ofendido. Esta linha por premissa tende a excluir reforços positivos da norma (reparações diversas, indenizações, tratamentos) e estabelece penas que não levam em consideração, se não de maneira secundária, os laços sociais concretos entre as pessoas (ibid., p. 43). Se a pena aflitiva deve corresponder à afecção ao bem ofendido, não é possível estabelecer um limite intrínseco à proporcionalidade que se estabelece diante de valores como a vida. Assim, uma pena longa, radical, cujo efeito buscado é a exclusão do sujeito do meio social, será vista como justa, moderada, (PIRES et al, 2017, p. 137) ou mesmo insuficiente.
- 54 Bruno, tendo acesso a uma defesa qualificada, embora tenha estado em presídios com diagnóstico de graves violações de direitos humanos, teve acesso a diferentes programas de remissão de pena via leitura e trabalhos, e a progressão para o regime semiaberto, o que viabilizou seu retorno aos campos. Dispositivos estes que se apresentam para a execução penal como formas de ressocialização e reinserção da pessoa apenada à sociedade, mas cujo acesso é negado à grande maioria da população carcerária brasileira, constituída em larga proporção de jovens negros sem a escolaridade básica completa, como Bruno, mas com baixo ou nenhum acesso à representação legal e outros direitos, ao contrário do goleiro. É possível perceber, nas

cartas do Levante Feminista contra o Feminicídio e do IMA, que o caso Eliza conformou uma tensão ética, política e epistemológica, o que se deve em parte à aproximação dos feminismos negros com o abolicionismo penal, a partir do lançamento de traduções dos trabalhos de Angela Davis e da emergência de pensadoras abolicionistas negras no Brasil. Estas têm sistematicamente indicado o viés racial em todas as fases processuais (da abordagem policial às sentenças, do acesso a amparo legal às condições carcerárias e acesso à progressão e remissão de pena).

- 55 No escopo da campanha das mulheres do IMA, teve lugar um debate interno. Na carta, declara-se que não se deve ser contra Bruno voltar a trabalhar, tendo adquirido o direito legal ao regime semiaberto, o que se questiona é que volte aos campos como ídolo, passando uma mensagem de legitimação da violência de gênero. Por sua vez, argumentos de cunho abolicionista defenderam que, ao tornar Bruno um caso de “punição exemplar”, o feito não seria apenas de prevenção da idolatria, mas da rejeição à contratação de egressos do sistema penal. Questão enorme em um estado com um enorme índice de população carcerária e que vive assolado pela guerra entre as facções do Comando Vermelho e do Bonde dos Treze.
- 56 Algumas mulheres que participaram do debate, por via da Defensoria Pública, do CNJ, da Pastoral Carcerária e outras organizações com presença no Acre que acompanham as movimentações pela defesa dos direitos humanos da população carcerária – cuja situação foi tornada ainda mais dramática pela pandemia e a proibição de visitas aos presídios –, sem contudo minimizar os problemas de feminicídio e violências sexuais e de gênero do estado, debatiam com sua imaginação sociológica modos outros de formular encaminhamentos, a partir da exortação de Angela Davis da busca por levar a sério estratégias de justiça reparadora em vez de uma justiça exclusivamente punitiva (Davis, 2003, p. 22). Por sua vez, em sua mobilização mulheres das torcidas organizavam exigências, como a de que clubes não mais contratem jogadores com condenação por crimes de violência de gênero. Os casos de estupro envolvendo os jogadores Robinho e Neymar Jr. alimentaram estas reivindicações. Uma norma de restrição à contratação de Bruno e outros jogadores condenados por crimes de violência de gênero constituiria um prolongamento perpétuo da pena, enquanto supressão de direitos, mesmo que por mecanismos externos à justiça criminal e operados na capilaridade dos mecanismos de vigilância que se espraiam em controles sociais e civis? Ou poderia ser formulada como um mecanismo positivado de reparação?
- 57 Estes dois vetores impactaram radicalmente o *rodar* de Bruno, que antes do crime recebera proposta milionária do clube italiano Milan, mas que após a condenação conseguiu circular apenas por pequenos clubes do interior de Minas Gerais (onde cumpria pena), Mato Grosso, Acre e Tocantins. Nesses locais sua recepção como ídolo e como feminicida reacendia localmente os debates, entre a fama e a infâmia. Para um jogador que outrora atuou em alguns dos principais clubes do país, os sentidos de profissionalismo, experiência e valor de passe que impulsionam o *rodar*, diante de clubes do interior com contratos curtos e repetidamente interrompidos, transformam-se em estigma. Ainda que sua contratação seja defendida por dirigentes como um reforço ao elenco e por seus defensores como direito à socialização, seu *rodar* torna-se uma peregrinação em degredo.

BIBLIOGRAFIA

ARECO, Sabrina. Eleições 2022: o paradoxo acreano. **Brasil de Fato**. Opinião. Publicado em 22 set. 2022. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/21/eleicoes-2022-o-paradoxo-acreano>. Último acesso em 24 dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill. 1990. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução de Natália Luchini. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. 2003. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2018.

FIORI, Ana Leticia de. **Contando histórias de morte: etnografia do júri e arenas narrativas do "caso Aline"**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-11042013-103910. Acesso em: 2020-08-27.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro/São Paulo: ANPOCS, Paz e Terra, 1993.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **ALCEU** - v.4 - n.7 - p. 19 a 36 - jul./dez. 2003.

JAHNECKA, Luciano; ALMEIDA, Caroline; PISANI, Mariane. Das apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres In: **Espaço Plural**, nº 29, 2013 • p. 170 -192

LEITÃO, Leslie, SARAPU, Paula, CARVALHO, Paulo. **Indefensável: o goleiro Bruno e a história da morte de Eliza Samúdio**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

MORAIS, Maria de Jesus. **“Acreanidade”**: invenção e reinvenção da identidade acreana / Maria de Jesus Moraes. – Rio Branco: Edufac, 2016.

PIRES, Alvaro. A racionalidade penal moderna, o público e os direitos humanos. **Novos Estudos CEBRAP**, N.º 68, março 2004 pp. 39-60.

PIRES, Alvaro, GISI, Bruna; TONCHE, Juliana; ALVAREZ, Marcos Cesar; OLIVEIRA, Thiago Oliveira. A teoria da “Racionalidade Penal Moderna” e os desafios da justiça juvenil. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, pp. 124-160.

RIAL, Carmen. 2011. Rúgbi e Judô: Esporte e Masculinidade. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, pp. 199-221.

Notícias consultadas

BAETA, Juliana. Após perder direito ao trabalho na Apac, goleiro Bruno será transferido para a Nelson Hungria. **Hoje em Dia**. Posto online em 27 fev. 2019. Disponível em <https://hojeemdia.com.br/minas/apos-perder-direito-ao-trabalho-na-apac-goleiro-bruno-sera-transferido-para-a-nelson-hungria-1.697063>. Último acesso em 21 fev. 2022.

BORBA, Bibiana. Justiça autoriza goleiro Bruno a dar aulas de futebol fora da cadeia. **O Estado de São Paulo**. Posto online em 03 ago. 2017. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/>

[geral,justica-autoriza-goleiro-bruno-a-dar-aulas-de-futebol-fora-da-cadeia,70001922081](#). Último acesso em 21 fev. 2022.

EPTV 2. Apac nega que local em que goleiro Bruno foi flagrado com mulheres seja bar em MG.

Portal G1. Posto online em 19 out. 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2018/10/19/apac-nega-que-local-em-que-goleiro-bruno-foi-flagrado-com-mulheres-seja-bar-em-mg.ghtml>. Último acesso em 21 fev. 2022.

EX-GOLEIRO Bruno diz que "pressão midiática" acelerou sua aposentadoria. **Portal T5**. Posto online em 13 jul. 2021. Disponível em <https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/ex-goleiro-bruno-diz-que-pressao-midiatica-acelerou-sua-aposentadoria/>. Último acesso em 21 fev. 2022.

MELO, Régis. Patrocínios, imagem e torcida: como o goleiro Bruno afetou o Boa Esporte. **Portal G1**. Esporte. Posto online em 26 abr. 2017. disponível em: <http://ge.globo.com/mg/sul-de-minas/futebol/noticia/2017/04/patrocios-imagem-e-torcida-como-o-goleiro-bruno-afetou-o-boa-esporte.html>. Último acesso em 21 fev. 2022.

MOURA, Rafael Moraes; PIRES, Breno. Após 5 jogos pelo Boa, goleiro Bruno volta à prisão por decisão do STF. **Portal A Tarde**. Posto online em 25 abr. 2017. Disponível em <https://atarde.com.br/esportes/apos-5-jogos-pelo-bo-a-goleiro-bruno-volta-a-prisao-por-decisao-do-stf-861520>. Último acesso em 21 fev. 2022.

OLIVEIRA, Jéssica. Capa da "Placar" com ex-goleiro Bruno revolta feministas, que criam versão alternativa. **Portal Imprensa** - jornalismo e comunicação na web. Posto online em 30 abr. 2014. Disponível em: https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/65470/capa-da-placar-com-ex-goleiro-bruno-revolta-feministas-que-criam-versao-alternativa. Último acesso em 21 fev. 2022.

PELO RIO BRANCO: mulheres divulgam manifesto contra a contratação de goleiro Bruno. **Rondônia ao vivo**. Posto online em 28 jul. 2020. Disponível em <https://rondoniaovivo.com/noticia/esporte/2020/07/28/pelo-rio-branco-mulheres-divulgam-manifesto-contra-a-contratacao-de-goleiro-bruno.html>. Último acesso em 21 fev. 2022.

SANTOS, Alexandre dos. Campeão em feminicídios, Acre recebe o goleiro Bruno. **Projeto Colabora**. Posto online em 02 nov. 2020. Disponível em <https://projetocolabora.com.br/ods16/campeao-em-feminicidios-acre-recebe-o-goleiro-bruno/>. Último acesso em 21 fev. 2022.

VASCONCELOS, Olímpio. Operário-MT desiste do goleiro Bruno por repercussões negativas e perdas de patrocínios. **Portal G1**. Posto online em 22 jan. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/mt/futebol/noticia/operario-mt-desiste-do-goleiro-bruno-por-repercussoes-negativas-e-perdas-de-patrocios.ghtml>. Último acesso em 21 fev. 2022.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Assassinatos de mulheres sobem no 1º semestre no Brasil, mas agressões e estupros caem; especialistas apontam subnotificação durante pandemia. **G1 Monitor da Violência**. Posto online em 16 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml>

VESPA, Talyta. Pode jogar. Mas deve? Goleiro Bruno, condenado por feminicídio, e o círculo vicioso de suas tentativas de voltar ao futebol. **UOL Esporte**. Posto online em 07 set. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/goleiro-bruno-condenado-por-feminicidio-vive-circulo-vicioso-em-meio-a-ressocializacao/> Último acesso em 21 fev. 2022.

NOTAS

1. Compreendemos o conceito de *rodar* a partir da etnografia realizada pela antropóloga Carmen Rial. Para a autora o sistema futebolístico, sobretudo aquele que é compreendido como profissional, pressupõe e valoriza o trânsito e a efemeridade da relação entre atletas e seus clubes. Para Rial, a circulação entre várias equipes é considerada um signo de sucesso e a categoria êmica empregada pelos atletas, para referir-se ao ato de circular é *rodar*. Dessa forma, um jogador *rodado* é um jogador experiente e da mesma forma o ato de *rodar* agrega valores (simbólicos e financeiros) aos jogadores (Rial, 2008).

2. Versões anteriores deste trabalho foram apresentadas como comunicações orais. FIORI, Ana Letícia de. “Feminicida não merece torcida? Controvérsias de gênero, raça e violência com a vinda do goleiro Bruno para o Rio Branco F.C”. 44º encontro da ANPOCS, GT19 - Gênero e sexualidade pelo interior do Brasil: fronteiras e cartografias, 09 dez. 2020; e FIORI, Ana Letícia de. “Feminicida não merece torcida”? Intersecções de raça, gênero, justiça, punição, ressocialização e degredo com a vinda do goleiro Bruno para o Rio Branco F.C. VII ENADIR – Encontro Nacional de Antropologia do Direito, GT 11 “Gênero, sexualidade, estado e violência”, em 25 ago. 2021. A atual versão apresenta alterações substanciais em função da autoria em parceria e das sugestões de parecerista anônimo, a quem gentilmente agradecemos.

3. Uma imagem emblemática é a do jogador de futebol marroquino, Sofiane Boufal, comemorando com sua mãe Saida Mou nos jogos da Copa do Mundo no Qatar, entre novembro e dezembro de 2022, que ganhou ampla cobertura midiática com elogios à masculinidade familiar dele e à feminilidade maternal dela. Em várias reportagens, o nome da mãe não é mencionado.

4. Essa mobilização foi acompanhada por Ana Fiori, que convidou Mariane Pisani para uma das lives realizadas, sobre futebol de mulheres, junto com a pesquisadora Caroline Soares.

5. A cientista política Sabrina Areco (2022) esboça uma reflexão sobre a virada para o bolsonarismo no Acre, indicando o papel do discurso antiambientalista na questão.

6. Ironicamente, mais do que o fato de que foi um goleiro acreano o titular da seleção olímpica que ganhou o ouro em 2016, Wewerton Pereira da Silva, jogador do Palmeiras. Não obstante, a escalação de Wewerton para a Copa do Mundo no Qatar em 2022 foi celebrada com outdoors por Rio Branco em novembro de dezembro de 2022.

RESUMOS

Bruno Fernandes, ex-capitão e ídolo do Clube de Regatas do Flamengo, foi condenado no ano 2013 pelo assassinato, ocorrido em 2010, da ex-companheira Eliza Samúdio. Este artigo apresenta o caso Eliza a partir da reconstrução realizada desde as notícias veiculadas na imprensa brasileira e, sobretudo, das passagens do livro “Indefensável: o goleiro Bruno e a história da morte de Eliza Samúdio”. O que nos interessa é apresentar e discutir as imagens que foram construídas sobre os personagens (Bruno e Eliza, sobretudo) e os eventos do caso. Dessa forma, poderemos seguir as

repercussões a respeito do caso Eliza e, paralelamente, analisar como esses desdobramentos influenciaram o *rodar* do goleiro Bruno, após sua condenação, por diferentes clubes do interior do Brasil. A partir destes movimentos, poderemos analisar como a trajetória futebolística de Bruno foi impactada e, ainda, articular tropos narrativos como marcadores sociais da diferença, imagens de controle, jogos de fama e infâmia, idolatria e abjeção.

Bruno Fernandes, former captain and idol of the football club Flamengo, was condemned in 2013 for the murder of its former partner, Eliza Samúdio, in 2010. This article presents the Eliza murder case pieced together with the Brazilian news coverage and quotations from the book “Indefensible: the goalkeeper Bruno and the history of Eliza Samúdio’s death”. Our aim is to present and debate the images constructed on the characters (Bruno and Eliza, mainly) and the events of the case. Thus, we will be able to follow the repercussions of the Eliza murder case and, simultaneously, analyze how those aftermaths influenced the circulation of the goalkeeper Bruno, after its sentence, through different Brazil smaller teams. Those movements underline the impacts suffered by Bruno’s football trajectory, framing narrative tropes as social markers of difference, images of control, dynamics of fame and infamy, idolship and abjection.

ÍNDICE

Keywords: gender, femicide, football

Palavras-chave: gênero, feminicídio, futebol

AUTORES

ANA LETÍCIA DE FIORI

Professora na Universidade Federal do Acre (UFAC) no Curso de Ciências Sociais - <https://orcid.org/0000-0002-6264-2370> - morgotia@yahoo.com.br

MARIANE DA SILVA PISANI

Professora na Universidade Federal do Piauí (UFPI) no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAnt/UFPI) - <https://orcid.org/0000-0001-6925-4912> - marianepisani@gmail.com